

A reforma educacional da Unidade Popular e o golpe no Chile (1973)

SAMANTHA VIZ QUADRAT*

Em 05 de setembro de 1970, tão logo foi confirmada a vitória da Unidade Popular, Salvador Allende fez o seu primeiro discurso como presidente eleito dos balcões da FECH.¹ O ato estava revestido de grande simbolismo. Allende começou a militar nas fileiras do movimento estudantil e, quando candidato à presidência, encontrou na FECH um forte núcleo de apoio. Um presidente que aos 62 anos representava um projeto “novo e jovem” para o Chile.

Ao longo dos seus três anos de governo, Allende fez diversos discursos destinados à juventude, não apenas a chilena, mas para jovens de todo o mundo em muitas das suas viagens internacionais. Dentre esses discursos, gostaria de destacar o pronunciado no Estádio Nacional, no dia seguinte a posse, em 05 de novembro de 1970.

“(...)Miles y Miles de jóvenes reclamaron un lugar en la lucha social. Ya lo tienen. Ha llegado el momento en que todos los jóvenes se incorporen. A los que aún están marginados de este proceso les digo: vengan, hay un lugar para cada uno en la construcción de la nueva sociedad.” (ALLENDE, 2003: 8)

A “*Mensaje a los jóvenes*” se encaixava perfeitamente no cenário de agitação política que já se encontrava o movimento estudantil desde o governo democrata-cristão, bem como no próprio desafio que a Unidade Popular teria pela frente. Afinal, a pequena diferença de votos para o segundo colocado na eleição presidencial² e o fato de

* Professora de História da América Contemporânea do Departamento de História da Universidade Federal Fluminense. Agradeço ao CNPq o financiamento para o projeto de pesquisa *Faces juvenis chilenas*, contemplado pelo edital Jovens Pesquisadores, e à FAPERJ pela bolsa de iniciação científica concedida ao mesmo projeto para o aluno Eric Assis, a quem também agradeço a colaboração.

¹ Tão logo se deu o triunfo de Allende, o Patria y Libertad convocou os jovens universitários para se reunirem na Casa Central da UC e realizar uma "marcha del silencio" pelas ruas do centro. SALAZAR, M. *Roberto Thieme: el rebelde de Patria y Libertad*. Santiago: Mare Nostrum, 2007. p. 76

² Allende obteve 1.075.616 de votos enquanto o segundo lugar, Jorge Alessandri, 1.036.278. O percentual de votos foi de 36,3% e 34,9% respectivamente.

não ter conquistado a maioria dos votos deixava nítido que seria necessário despertar “corações e mentes” para o projeto da “via chilena ao socialismo”.

Em dezembro de 1972, em Guadalajara, México, Allende discursou na Universidade e afirmou que "ser joven y no ser revolucionario es una contradicción hasta biológica." (VALLE, 2003:374) Contudo, como veremos, será de parcelas da juventude chilena que sairá uma grande força de oposição ao projeto da UP. Para isso, continuaremos dando ênfase às questões educacionais. No caso da UP, ao projeto da Escuela Nacional Unificada, a ENU.

No programa de governo assinado em 17 de dezembro de 1969, pelos partidos Socialista, Comunista, Radical, Social Democrata e os movimentos Ação Popular Unificada (MAPU) e Ação Popular Independente (API), a UP afirmava que as necessidades da população em termos de educação e saúde não eram suficientemente atendidas.³ O programa da UP previa:

- a) Sistema educacional democrático, único e planejado: promoção da melhoria geral das condições de ensino, com treinamento de professores, bolsas, construção de escolas, inclusive de jardins de infância; incentivo a participação ativa e críticas dos estudantes em todo processo educacional; combate ao analfabetismo através de uma ampla campanha nacional de mobilização; incentivo a educação de adultos a partir dos próprios centros de trabalho; integração das instituições privadas de ensino, especialmente daquelas que selecionavam os alunos por razões de classe, origem social ou religião, aos cuidados do Estado
- b) Educação Física: a prática de atividades desportistas desde os níveis básicos da educação até nas organizações sociais de jovens e adultos.
- c) Democracia, autonomia e orientação da Universidade: nesse item a UP assegurava que o Estado forneceria os recursos suficientes para manutenção e desenvolvimento das universidades e daria respaldo ao processo da Reforma Universitária. Por outro lado, a reorientação das funções acadêmicas de docência, investigação e extensão em função dos problemas nacionais seria incentivada pelas realizações da UP. Outra preocupação

³ O Programa de Governo da Unidade Popular está disponível em vários sítios da internet. Dentre eles: <http://www.abacq.net/imagineria/frame5.htm>

dizia respeito à admissão de filhos de trabalhadores e pessoas já adultas nas universidades.⁴

As mudanças seriam resultados não apenas do trabalho dos especialistas indicados pelo governo, mas também de debates realizados em organizações de professores, trabalhadores, estudantes e pais.

Como afirma Luiz Antônio Cunha, inicialmente a UP não fez grandes alterações na estrutura herdada de Frei, visto que "os esforços do governo concentraram-se na ampliação da oferta educacional e na democratização do sistema." (Programa de Governo da Unidade Popular). Entre 1970 e 1971 foram aprovados programas de estudos que remetiam à reforma de 1965. Contudo, a partir do ano de 1971, a ENU começou a ser discutida e a proposta gestada.

Em 30 de janeiro de 1973, o *Informe da Escuela Nacional Unificada* foi apresentado pelo governo ao Conselho Nacional de Educação. Era o desenvolvimento da proposta de democratização do ensino apresentada por Allende em 1971, ano em que o Ministério da Educação e o Sindicato Único de Trabajadores de la Educación (S.U.T.E.) começaram a discutir a ENU. O Informe foi publicado em fevereiro na *Revista de Educación*, com tiragem de mais de 100 mil exemplares, e nos principais jornais chilenos. (PRIETO, 2003:36) O ministro da Educação na época era Jorge Tapia Valdés que, a partir da divulgação do Informe, participou de diversos debates em diferentes instituições e meios de comunicação para explicar e defender a proposta do governo. (ALDUNATE,1999:165)

O Informe tinha apenas 15 páginas e estava dividido em sete seções. Primeira, "um sistema nacional para a Educação Permanente em uma sociedade de transição ao socialismo", onde temos uma caracterização geral da proposta. Segunda, a seção de fundamentos para a sua criação. Terceira, a caracterização da ENU em 10 itens: nacional unificada, diversificada, democrática, pluralista, produtiva, integrada a comunidade, científica e tecnológica, humanista e planificada. Quarta seção, objetivos. Quinta, a estrutura da ENU dividida entre educação infantil (0 a 6 anos) e educação geral e politécnica. Sexta seção, definição da sua estrutura. E, sétima, ações e requisitos para o seu desenvolvimento. (PINO e TALAVERA, 1997: 1217-1232)

⁴ *Idem.*

No início do Informe, na seção "Um sistema nacional para a Educação Permanente em uma sociedade de transição ao socialismo" encontramos a justificativa e perspectiva da ENU.

"La perspectiva estratégica que ilumina la nueva política educacional presupone la construcción de una sociedad socialista humanista, basada en el desenvolvimiento de las fuerzas productivas en la superación de la dependencia económica, tecnológica y cultural, en el establecimiento de nuevas relaciones de propiedad y en una auténtica democracia y justicia social garantizadas por el ejercicio efectivo del poder por el pueblo."
(Idem:1218)

Iván Ñuñez Prieto defende três hipóteses sobre a ENU. A primeira, que a ENU é o auge de uma antiga corrente chilena de pensamento e de política educativa. Segunda, foi uma das expressões culturais nacionais de novas utopias que, nos anos 1960 e 1970, se desenvolveram em escala internacional. Ao mesmo tempo em que foi uma resposta à "crise mundial da educação". Terceira, ainda que atacada nos anos da UP e desprezada pela ditadura pinochetista, boa parte dos seus componentes foram efetivados nas três décadas seguintes a sua proposta.(PRIETO, *op. cit.*: 07)

A ENU gerou grandes desconfianças entre os setores de oposição ao governo, que passaram a direcionar ataques viscerais ao projeto. Para alguns autores, a ENU foi um ponto forte para o golpe de 11 de setembro, pois uniu a oposição e acirrou ainda mais os ânimos contra a UP.

As críticas e resistências levaram a novos debates que ocorreram durante toda a primeira metade de 1973. Em 11 de abril, por exemplo, ocorreu uma reunião no Ministério de Defesa Nacional, com a presença do ministro da Educação e oficiais das Forças Armadas e onde houve um aberto debate sobre as mudanças propostas no Informe. Nele, todos os oficiais presentes se manifestaram contrários a ENU.

Como vimos na seção anterior, o gremialismo chegou à direção da FEUC em 1968 e nela permaneceria até abril de 1985, quando nas primeiras eleições universais o movimento conservador foi derrotado com a eleição do democrata-cristão Tomás Jocelyn-Holt. Nesse sentido, a FEUC tornou-se um foco de oposição a UP. O Informe do governo gerou dentro da FEUC a consigna "*No a la ENU*", que classificava como

um "instrumento de concientización política a servicio del marxismo". A ação da FEUC se deu através de duas frentes, a saber: interna e externa a Universidade Católica. No âmbito interno, convocou um plebiscito entre os alunos da UC para saber como o corpo discente se definia frente a ENU. No âmbito externo, organizaram trabalhos políticos em colégios, liceus, centros de pais, centros de alunos e também em *poblaciones*. (VALDIVIA, 2006:62) ⁵

A primeira manifestação pública da FEUC sobre a ENU ocorreu em 16 de março de 1973. Trata-se um pronunciamento do seu presidente, Javier Leturia, que foi publicado no La Prensa. Para Leturia, estava em curso o "más grave intento por implantar el totalitarismo en Chile". Sendo assim, a FEUC convocava a todos os setores democráticos do país, com destaque para os mais ligados à educação, para construir um comando nacional para definir a liberdade educacional e lutar contra a ENU. E mais:

"Como jóvenes, no podemos aceptar que se pretenda encasillar la mente de nuestra generación y de las que vengan en moldes estrechos, anticuados y copiados de otros países. El mundo progresa demasiado rápido como para que una minoría dogmática pretenda coloca la juventud chilena al margen de su legítima posibilidad de optar con amplitud entre los muchos caminos que hoy se abren ante los ojos del hombre contemporáneo. No queremos que el marxismo empobrezca por muchos años el espíritu de una juventud a la cual pertenecemos, intentando en la práctica clavar la rueda de una historia cada vez más dinámica y apasionante. En nombre de la espiritualidad y transcendencia de la persona humana, exigimos, además, que se respete la libertad de su inteligencia y rechazamos el intento por uniformar a la fuerza todas las consciencias, porque jamás saldrá de ellos una sociedad más libre, sino, por ele contrario, más pobre, chata y sometida." (PINO e TALAVERA, 1997: 602)

A primeira declaração da FEUC já demonstra o tom com que o projeto da ENU seria tratado pelo movimento estudantil da Universidade Católica. Além disso, já encontramos algumas das justificativas que serão usadas para o golpe de 11 de setembro: a acusação de que o país caminhava para um regime totalitário, a perda da

⁵ Ainda segundo Valdivia, o gremialismo havia descoberto a importância da ação política nos anos 1960, ao mesmo que durante a Unidade Popular compreendeu que na a luta pelo imaginário social e a demonstração de força era vital a mobilização. (idem, p. 62)

chamada *chilenidade* (ao dizer que são modelos copiados de outros países) e um retrocesso aos avanços do país contrário assim ao futuro grandioso que o país poderia ter.

Seguindo o ataque às propostas de educacionais do governo, a FEUC publicou em abril de 1973, o *Informe Crítico ENU: el control de las conciencias*. O documento é resultado da análise de comissões de estudos de distintos níveis (conta inclusive com a colaboração de professores) a partir de três ângulos: ideológico, jurídico e pedagógico.

Sobre o ângulo ideológico, a FEUC acusa a ENU de ser um caminho para a criação de uma sociedade marxista-leninista, onde não se aplica o pluralismo, "un baluarte substancial para la preservación de la libertad, el que hoy, debido a la amenaza del totalitarismo marxista, debemos reafirmar con la mayor fuerza y energía, pues sin él no hay régimen democrático y libertario que subsista." E mais, para a FEUC, a ENU é uma cópia do sistema educacional de países socialistas da Europa Ocidental, especialmente da Alemanha Oriental. E aponta como comprovação dessa cópia a colaboração, reconhecida pelo próprio ministro Jorge Tapia, de técnicos daquele país em função das similitudes de ambos os sistemas educacionais.

No que diz respeito aos aspectos jurídicos, a FEUC alega que o Informe fere as modificações realizadas na Constituição chilena em 1970, na qual no corpo do Estatuto de Garantias do Estado de Direito, a UP havia se comprometido a respeitar as liberdades públicas e o pluralismo ideológico. Além disso, recorre ao artigo 10, nº7, que dentre outros fatores afirma: "la educación que se imparta a través del sistema nacional será democrática y pluralista y no tendrá orientación partidaria oficial." O mesmo artigo assegura independência às instituições privadas de ensino.

Já os aspectos pedagógicos foram apontados como vagos e imprecisos pela FEUC, assim como todo o Informe da ENU.

De um modo geral, o documento da FEUC aponta que o Informe da ENU era vago, autoritário, improvisado e contraditório. No qual o aluno é visto "como masa y no como persona, como grupo y no como individuo, manifestándose una clara intencionalidad de despersonalización." Os pais perdem o direito de educar a seus filhos já que segundo a FEUC, o Informe quase que impõe a obrigatoriedade do jardim de infância. E atinge também aos professores ao abrir o leque de quem poderia ser docente em função da educação realizada "*por las masas*". Para a FEUC: ou os professores se

"massificam" ou ficariam de fora. Ainda no que diz respeito à cadeia escolar, a ENU atinge também as instituições. A educação particular estava sendo atacada diretamente em sua existência e na obrigação de adotar a estrutura curricular da ENU. E a formação docente estaria "presa" a apenas uma estrutura, impedindo, na visão da FEUC, a possibilidade de criatividade e desenvolvimento de alternativas curriculares.

Em 12 de março de 1973, o jornal *El Mercurio*, publicou parte do Informe sobre a ENU. No seu editorial fez duras críticas ao projeto do governo:

"Basta examinar el texto del Informe para comprender la gravedad de lo que ocurre. (...) Sin apoyo de ley alguna (...) el Superintendente plantea una reforma integral de educación chilena (...) de inspiración marxista leninista y que se pretende sentar las bases de una ideología totalitaria para hacerla vigente desde la infancia hasta la ancianidad de los ciudadanos". O jornal também ouviu representantes da oposição, dentre eles o senador do Partido Nacional, Pedro Ibáñez que avaliou a ENU como o "más repudiable de los muchos abusos que ha cometido la Unidad Popular." (ALDUNATE, op. cit:164)

A ENU enfrentou a oposição de partidos políticos. O PDC expressou o rechaço através do senador Patricio Aylwin⁶, que respondeu em cadeia de rádio e televisão o discurso do ministro Jorge Tapia: "hace también indispensable que se garantice el carácter democrático, pluralista, sin orientación partidária oficial." (PINO e TALAVERA, 1997: 617) No discurso "Chile enfrenta la escalada final del comunismo", pronunciado em 13 de abril de 1973, presidente do Partido Nacional, Sergio O Jarpa, afirmou que as universidades viviam um período de retrocesso, Jarpa acusou os comunistas de manterem o controle do Instituto Pedagógico, "donde se forman los maestros que han de enseñar a las generaciones futuras", e da Universidad Técnica del Estado, "que instruye a los jóvenes llamados a dirigir el desarrollo industrial y tecnológico del país." E os convênios entre a Universidad Técnica e as Forças Armadas tinham como propósito "ir eliminando la enseñanza técnica impartida por escuelas e institutos militares."

⁶ Patricio Aylwin viria a ser o primeiro presidente eleito após a ditadura pela coligação *Concertación*, que contavam com o PDC e o PS dentre outros partidos, em 1989.

Além do movimento estudantil e dos partidos político, a ENU provocou também reflexos na Igreja Católica que apesar de reconhecer como positivos alguns dos pontos do Informe (como a expansão do ensino, por exemplo) pela primeira vez nos anos da UP se posicionou abertamente contrária a um projeto do governo. Em 21 de março, o Arcebispo de Valparaíso, Emilio Tagle Covarrubias, declarou a *La Tercera de la Hora*, que "la Iglesia no acepta que se imponga un tipo de política en la educación." (PINO e TALAVERA, 1997: 607) Menos de um mês depois, em 11 de abril, a Conferência Episcopal publicou um documento no qual critica durante a ENU: "declaramos claramente que nos oponemos al fondo le proyecto, por su contenido que no respeta valores humanos ni cristiniamos fundamentales, sin perjuicio de sus méritos pedagógicos en discusión." (idem: 620) Por trás da revolta da Igreja está a política de estatização das escolas privadas, sendo que a maioria estava sob o controle do clero católico, e a implementação de valores humanistas ligados ao socialismo.

Todos esses setores, a exemplo da FEUC, alegavam que a ENU feria a Constituição chilena e leis complementares à educação.

Ao longo do ano de 1973, a FEUC estava cada vez mais no ataque ao governo da Unidade Popular. Além do forte protesto contra a ENU, os estudantes vão apoiar a greve dos mineiros de El Teniente. Em 15 de junho de 1973, a FEUC recebeu os grevistas na Universidade Católica com o amplo apoio do Reitor Fernando Castillo Velasco.⁷ Na revista *Presencia*, publicação oficial da FEUC, foi publicada a reportagem intitulada *Los 12 días*. A matéria descrevia a convivência entre os mineiros e os estudantes na Casa Central da UC, considerada pelos estudantes "o asilo contra a opressão". (idem: 1255-1262) A experiência foi vista não apenas como um conflito de sindicato-governo, mas uma reflexão para a própria relação entre a sociedade e o governo, especialmente sobre o lugar da universidade.

Dias antes da recepção aos mineiros, em 03 de junho, a FEUC enviou uma carta a Allende afirmando que o governo da UP destruiu a economia nacional, desestimulou os jovens a seguirem uma carreira universitária, é repudiado pela maioria dos chilenos, suscitou o ódio na convivência interna e colocou em perigo a segurança externa do país. A carta culmina com um dramático pedido de renúncia do presidente eleito.

⁷ Devido à militância dos seus dois filhos no MIR, Velasco parte para o exílio em 1974.

"Es inútil que Ud. pretenda ya quedar como un hombre que gobernó bien a Chile. Su desastre es ya definitivo. Pero todavía le queda a Ud. un último recurso: quedar como un hombre que, reconociendo su fracaso definitivo como gobernante tuvo al menos el patriotismo de evitarle al país las peores consecuencias de sus desaciertos y atropellos. Quiera Dios que la conciencia le haga escoger este último camino." (idem: 659-660)

Em 03 de setembro, às vésperas do golpe, a FEUC apóia mais uma manifestação contra o governo. Dessa vez, o presidente Javier Leturia entregou para Juan Jara, presidente da Confederacion de Transportistas, e León Vilarín, presidente da Confederación del Dueños de Camiones, o escritório da FEUC para que dali os dirigentes das empresas pudesse coordenar a greve que desestabilizou de forma definitiva o governo da UP. O ato foi caracterizado pelos dirigentes como de solidariedade estudantil. (idem, 2845-2846) E, como afirmou Leturia; "los estudiantes estarán luchando junto as los transportistas, ya que nuestra universidad es un símbolo del gremialismo y para que este gremialismo triunfe, juntos lucharemos por la libertad." (idem:846)

Para o dia 11 de setembro estava marcada uma marcha juvenil para às 11 e meia da manhã com o intuito de exigir a renúncia de Allende. Foi chamada para participar "toda la juventud estudiantil de la capital, tanto de enseñanza media como de la universitaria, sin distinción de colores políticos." (VALLE, *op. cit*: 460) A marcha não chegou a ser realizada, pois, como sabemos, desde o início daquela manhã, o golpe já estava em curso.

A FESES teve uma trajetória bastante diferente da FEUC durante o governo da UP. Isso porque não tínhamos um domínio de apenas uma corrente política e as disputas ocorriam entre os liceus, um ambiente muito mais amplo e diverso do que o universitário. Na FESES dos anos da UP encontramos o reflexo da disputa política, cultural e social que víamos no restante do país. Tanto entre partidários pró e contra a UP quanto as disputas também encontradas dentro da própria coligação governista, haja vista, por exemplo, que comunistas e socialistas não se entendiam sobre o lançamento de um candidato conjunto no ano de 1969 ou quando, em 1972, não apoiaram o ministro da Educação.⁸ Direita, centro e esquerda disputaram acirradamente os pleitos de 1971 e

⁸ Para alguns autores, foram as disputas internas entre as esquerdas uma das principais razões para a

1972, as primeiras eleições diretas da organização, ou seja, todos os estudantes dos liceus votavam sem a necessidade de delegados.⁹ Esse procedimento aumentou a base da FESES, mas concedeu maior espaço para a participação da oposição. (FLORES, *op. cit.*: 477)

A eleição de 1971 foi vencida por Guillermo Yunge, candidato da Democracia Cristã. A derrota dos representantes da UP foi avaliada como uma consequência da falta de unidade da esquerda e a incorporação de estudantes de 'menor consciência política' com a instalação do voto direto. (idem: 479) Na imprensa de oposição a UP e entre os democratas cristãos, a vitória de Yunge mostrava o isolamento em que se encontrava a coligação governista e a "capacidad que tenían los jóvenes (del más variado origen social) para liderar un proceso de lucha por la libertad y la democracia, contra la manipulación y el 'totalitarismo marxista'".(idem: 480)

Ainda assim, não encontramos nos anos 1970 e 1971 entre os estudantes secundaristas uma oposição declarada ao governo. Ao contrário, em 1970, mantendo uma longa tradição do movimento estudantil chileno, eles participaram ativamente dos trabalhos voluntários convocados pelo governo. O cenário apenas começou a mudar a partir do final de 1971, quando os debates sobre a educação irromperam o cenário nacional.

Em 11 de abril de 1972, a FESES convocou uma greve de 24 horas contra o Ministério da Educação. Segundo Flores, as razões alegadas foram: "la escalada de tomas de liceos por parte de ultraizquierda y la ineficacia del Ministerio para enfrentarlas, la falta de presupuesto universitario y sus efectos sobre la matrícula y las dificultades de infraestructura y dotación de material didático." (idem: 483) No dia seguinte, parte dos estudantes secundaristas engrossaria as fileiras da "Marcha de la Democracia", que ocorreu na Avenida Grecia e Salvador, em Santiago.

O ano de 1972, agitado pela ocupação dos Liceus e a nomeação dos diretores, foi marcado por conflitos extremos entre os estudantes secundaristas e autoridades da Educação. O que levou ao pedido de uma audiência com o próprio Salvador Allende,

queda da UP. Ver: AGGIO, A. "Chile de Allende: entre a derrota e o fracasso". In: FICO, C. FERREIRA, M. ARAUJO, M. e QUADRAT, S. (orgs). *Ditadura e democracia na América Latina*. Rio de Janeiro: FGV, 2008. p.77-94

⁹ Não tivemos eleições em 1973 porque o pleito ocorria em novembro. Com o golpe de 11 de setembro, a FESES foi fechada pela ditadura, assim como outras organizações estudantis.

que acabou por recebê-los. Ainda nesse mesmo ano, incidentes violentos levaram a renúncia do ministro da Educação Aníbal Palma Fourcade.

A escalada dos conflitos internos na FESES externados através das cada vez mais recorrentes ocupações dos liceus, levou a organização a ter a mais acirrada de suas eleições. Com a estimativa de cerca de 70 mil votantes, disputaram o pleito anual: Miguel Salazar, representante da Democracia Cristã, Camilo Escalona pela UP, Luis Valenzuela do MIR, Andrés Allamand pelos partidos de direitas e María Eugenia Román pelo Movimiento Espartaco de cunho maoísta. As cifras eleitorais acabaram sendo postas em dúvidas, com acusações de fraudes de ambos os lados. Com isso, Salazar e Escalona se auto proclamaram vitoriosos rachando assim a FESES.

Em 29 de março de 1973, Escalona, então com 17 anos, se manifestou favorável a ENU. Segundo o presidente, a FESES havia analisado toda documentação disponível sobre a proposta do governo e apontado aspectos positivos na proposta do governo para a crise educacional. (PINO e TALAVERA, op. cit: 614). Quase um mês depois, em 26 de abril, a FESES se reuniu no Teatro Caupolicán, em Santiago, para manifestar mais uma vez o apoio e solidariedade a ENU e aos funcionários do Ministério da Educação que estariam sendo caluniados pelos Partidos Democrata Cristão e Nacional. Para Escalona, "la oposición quiere utilizar los estudiantes como carne de cañon." (idem: 629-630)

No entanto, como falamos anteriormente, a FESES se encontrava dividida e a outra parte do movimento, liderada por Miguel Salazar, se manifestava amplamente contrária a ENU. No mesmo dia 26 de abril, na frente da Biblioteca Nacional, a "outra" FESES se reuniu para marcar posição contrária. Era a disputa das ruas por partidários pro e contra Allende. Naquela ocasião, Salazar se referiu ao ministro da Educação, Jorge Tapia, como "un miserable porque trata de engañar a los estudiantes, pero nosotros sabemos cómo tratar a los miserables. Los personeros del Gobierno van a recibir su merecido. Si el ministro no quiere entender por las buenas, los estudiantes se encargarán de hacerlos entender." (idem: 630)

A grande concentração de manifestantes acabou em confusão, com pedras sendo atiradas acertando estudantes e pessoas que passavam pelo local. A polícia acabou sendo chamada e usando jatos de água e bombas de efeito moral. Ninguém soube precisar o início das agressões.

Com o adiamento da ENU, anunciado pelo Governo no mês de abril para que houvesse ainda mais debates, e a cisão interna, o movimento estudantil secundarista começou a dar sinais de cansaço e de esvaziamento. O que não impediu de manifestar apoio à greve de El Teniente com declarações públicas, participar de manifestações nas ruas e convocar uma greve de 24 horas em solidariedade aos mineiros. (idem: 647-648)

A tentativa de golpe frustrada de 29 de junho, o chamado Tanquetazo colocou a FESES em alerta e cautela. As manifestações de Salazar foram contrárias a quebra do regime institucional chileno. No entanto, e como temos falado ao longo desse texto, assim como a sociedade chilena, o movimento secundarista estava bastante dividido e setores de extrema direita, ligados especialmente a Juventude Nacional e ao Patria y Libertad, pressionavam a direção democrata-cristã a partir para uma plena ofensiva contra o governo. Nas palavras acusatórias de Allamand, atualmente senador eleito, a direção da FESES estava com uma "conducta vacilante, titubeante y preferentemente indefinida", havia deixado de ser a "vanguardia de la lucha juvenil antimarxista". (FLORES, *op. cit.*: 500) Diante da forte pressão, Salazar convocou mais uma greve para o dia 12 de setembro. Essa não foi necessária. O golpe havia sido vitorioso na manhã do dia anterior.

Por fim, devemos ressaltar que há um consenso de que as vésperas do golpe, o engajamento de parcelas da juventude chilena a favor ou contra a UP, as disputas políticas, precipitaram o amadurecimento desses jovens, que reproduziam no interior de seus grupos os mesmo questionamentos e confrontos vistos na sociedade chilena naquele momento.¹⁰

Referências bibliográficas:

ABRAMO, Helena, FREITAS, Maria Virginia e SPOSITO, Marilia Pontes. (orgs) *Juventude em debate*. São Paulo: Cortez, 2000

ABRAMO, Helena. "Considerações sobre a tematização da juventude no Brasil" in Revista Brasileira de Educação. ANPED. N°5, mai/jun/jul/ago; n°6, set/out/nov/dez, 1997. p.25-36.

AGGIO, A. "Chile de Allende: entre a derrota e o fracasso". In: FICO, C. FERREIRA, M. ARAUJO, M. e QUADRAT, S. (orgs). *Ditadura e democracia na América Latina*. Rio de Janeiro: FGV, 2008. p.77-94

¹⁰ A ideia de amadurecimento precoce aparece em vários depoimentos de "ambos os lados". Ver: SALAZAR, Gabriel e PINTO, Julio. *Historia Contemporânea de Chile V: nuñez y juventud*. Santiago: LOM, 2002.

- ALBUQUERQUE, J. A. *Movimento estudantil e consciência social*. Rio de Janeiro, 1977.
- ALDUNNATE, Arturo. *Todos querían la Revolución*. Santiago: Zig-Zag, 1999.
- ALLENDE, Salvador. "Mensaje a los jóvenes" in *Allende y la juventud*. s/l: s/e, 2003.
- ARRATE, Jorge e ROJAS, Eduardo. *Memoria de La izquierda chilena (1870-1970)*. Santiago: Javier Vergara Editor, 2003. Tomos 1 e 2.
- BARTOLETTI, Susan. *Juventude Hitlerista*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2006.
- BOURDIEU, Pierre. "A 'juventude' é apenas uma palavra" in: *Questões de Sociologia*. São Paulo: Marco Zero, s/d.
- CACCIA-BAVA, Augusto, PÂMPOIS, Carles e CANGAS, Yanko. *Jovens na América Latina*. São Paulo: Escrituras, 2004.
- CARDOSO, Ruth e SAMPAIO, Helena. *Bibliografia sobre juventude*. São Paulo: EDUSP, 1995.
- CAVALCANTE, Maria Juraci Maia. "O mito da rebeldia da juventude – uma abordagem sociológica" in: *Educação em debate*, Fort, 13 (1): jan/jun, 1987. pp. 11-23
- CRISTI, Renato. *El pensamiento político de Jaime Guzmán*. Santiago:LOM, 2006.
- CRUZ, Rossana. *Emergencia de culturas juveniles*. Colombia: Norma, s/d.
- CUNHA, Luiz Antônio. "Ensino médio e ensino técnico na América Latina: Brasil, Argentina e Chile" in *Cadernos de Pesquisa*, nº 111, São Paulo, Dezembro de 2000.
- DEUTSCH, Sandra. *Las derechas. La extrema derecha en la Argentina, el Brasil y Chile 1890-1939*. Buenos Aires: Universidad Nacional de Quilmes, 2005
- DURRUTTI, Belén. *Jaime Guzmán: el político de 1964-1980*. Santiago: Ril, 2006.
- FLORES, Jorge Rojas. "Los estudiantes secundarios durante la Unidad Popular, 1970-1973". In: *Historia*, nº 42, vol. II, julio-diciembre 2009: 471-503
- FRANCISCO, Alejandro. *La toma de la Universidad Católica de Chile*. Santiago: Globo, 2007.
- GALDAMES, Osvaldo Silva. *Breve Historia Contemporánea de Chile*. México D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1995
- GARRETÓN, Manuel et al. *Por la fuerza sin la razón*. Santiago:LOM, 1998.
- _____ e Martínez, Javier. *Universidades chilenas: história, reforma e intervención*. Santiago: SUR, 1985. (Biblioteca del Movimiento Estudiantil - Tomo 1)
- _____ *La reforma en la Universidad Católica de Chile*. Santiago: SUR, 1985. (Biblioteca del Movimiento Estudiantil - Tomo 2).
- _____ *Antecedentes estructurales de las universidades chilenas*. Santiago: SUR, 1985. (Biblioteca del Movimiento Estudiantil - Tomo 5).
- HITE, K. "El monumento a Salvador Allende en el debate político chileno". In: JELIN, E. e LANGLAND, V. (comps). *Monumento, memoriales y marcas territoriales*. Buenos Aires, Siglo XXI, 2003. p. 19-55

- HUNEEUS, Carlos. *El régimen de Pinochet*. Santiago: Sudamericana, 2000.
- _____. *La Reforma Universitaria veinte años después*. Santiago: CPU, 1988.
- KNOPP, Guido. *Los niños de Hitler*. Barcelona: Planeta, 2005.
- KREBS, R., MUÑOZ, M. e VADIVIESO, P. *Historia de la Pontificia Universidad Católica de Chile (1888-1988)*. Santiago: Ediciones Universidad Católica de Chile, 1988.
- KURLANSKY, Mark. *1968: o ano que abalou o mundo*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005
- LEVI, Giovanni e SCHMITT, Jean-Claude (orgs). *História dos Jovens*. São Paulo: Cia das Letras, 1996. Vol. 2
- MANNHEIN, Karl. “O problema sociológico das gerações” in: FORACCHI, M. M. (Org.). *Mannheim: Sociologia*. São Paulo: Ática, 1982.
- _____. *Diagnóstico do nosso tempo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.
- MARTINS FILHO, João Roberto. *A rebelião estudantil*. Campinas: Mercado de Letras, 1996.
- MONGE, Diego, MADARIAGA, José e BLANCO, Pablo. *Los muchachos de antes*. Santiago: Universidad Alberto Hurtado, 2006
- NOVAIS, Regina. “Apresentação: Juventude, conflito e solidariedade”. *Comunicações do ISER*, n. 50, ano 17, 1998. pp. 5- 13
- ORTEGA, Juan et al. *Me gustan los estudiantes*. Santiago: LOM, 2006.
- PINO, Miguel e TALAVERA, Arturo (editores). *Los mil días de Allende*. Santiago: Centro de Estudios Públicos, 1997. Tomos 1 e 2
- POERNER, Arthur. *O poder jovem*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.
- POZO, José del. *Rebeldes, reformistas y revolucionários*. Santiago: Ediciones Documentas, 1992.
- PRIETO, I. *La ENU entre dos siglos*. Santiago: LOM, 2003
- QUADRAT, Samantha Viz. "Para Tata, com carinho!": a boa memória do pinochetismo" In: QUADRAT, S. V., AZEVEDO, C., BICALHO, M. F., ROLLEMBERG, D., KNAUSS, P. *Cultura política, memória e historiografia*. Rio de Janeiro : FGV, 2009. p. 399-419.
- _____. *A repressão sem fronteiras: perseguição e colaboração entre as ditaduras do Cone Sul*. Niterói: Programa de Pós-Graduação em História – Universidade Federal Fluminense, 2005.
- RIDENTI, Marcelo. *Em busca do povo brasileiro*. Record: São Paulo/Rio de Janeiro, 2000.
- _____. “1968: rebeliões e utopias” in: REIS FILHO, Daniel, FERREIRA, Jorge e ZENHA, Celeste. *O século XX: o tempo das dúvidas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. pp. 133-161
- ROBERT, Julio e PÁEZ, Francisco. *Pinochet y la restauración del consenso nacional*. Santiago: s/e, 1998

SAGREDO, Rafael y GAZMURI, C. *Historia de la vida privada en Chile: el Chile contemporáneo - de 1925 a nuestros días*. Santiago: Taurus, 2007.

SALAZAR, Gabriel e PINTO, Julio. *Historia Contemporânea de Chile V: nuñez y juventud*. Santiago: LOM, 2002

SALAZAR, M. *Roberto Thieme: el rebelde de Patria y Libertad*. Santiago: Mare Nostrum, 2007. p. 76

SAVAGE, Jon. *A criação da juventude*. Rio de Janeiro: Rocco, 2009

SIRINELLI, Jean-François. "A geração" in: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína (orgs). *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas. 1996. pp. 131-139

SOTO, Mario Leyton. "Los inicios del Centro de Perfeccionamiento, Experimentación e Investigaciones Pedagógicas (CPEIP)" in: *Docencia*, nº 40, mayo de 2010, p. 85-91

URREJOLA, Isidora Salinas. "Contrapunto: el rostro juvenil de la memoria pinochetista" in: JELIN, Elizabeth e SEMPOL, Diego (comps). *El pasado en el futuro: los movimientos juveniles*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2006. 137-142

_____. "Ecos y resignificaciones del pinochetismo. El rostro juvenil de la memoria". Mimeo.

URRESTI, Marcelo. "Paradigmas de participación juvenil: un balance histórico" in: BALARDINI, Sérgio (org.). *La participación social y política de los jóvenes en el horizontes del nuevo siglo*. s/l: FLACSO, 2000. p. 177-205

VALDIVIA, Verónica, ÁLVAREZ, Rolando e PINTO, Julio. *Su revolución contra nuestra revolución*. Santiago: LOM, 2006.

_____ e ZÁRATE, Ortiz. *El golpe después del golpe*. Santiago:LOM, 2003

VALLE, Fabio. "Se joven y no ser revolucionario'. La juventud y el movimiento estudiantil durante la Unidad Popular". In: ZAPATA, F. (comp). *Frágiles suturas*.México D.F.: Fondo de Cultura Económica, 2003.

VENTURA, Zuenir. *1968, o ano que não terminou*. Rio de Janeiro:Nova Fronteira,1988.

WENDLING, Manuel Fuentes. *Memorias secretas de Pátria y Libertad*. Santiago: Grijalbo, 1999.

ZAPPA, Regina e SOTO, Ernesto. *1968: eles só queriam mudar o mundo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.